



Sarney recebe Caetano e D. Marly lhe mostra a neta mais nova

Caetano visita afinal seu amigo Moreno no Planalto

Brasília — Terno preto com listras azuis, um broche da campanha da Aliança Democrática na lapela, chapéu de feltro e uma pasta de couro marrom, "pesada só de pedidos", Caetano Costa, de 83 anos, finalmente se encontrou com o Presidente José Sarney, o "homem sem defeitos", que conheceu há 40 anos, numa rua de Balsas (MA), oferecendo bilhetes da rifa de um cavalo da paróquia da cidade, e até hoje só chama de moreno.

— O Sarney lá no Maranhão só não foi bem cotado pelos inimigos que todos nós temos. Se falarem mal dele na minha presença não vou gostar. Repilo e me retiro, sem brigar — disse Caetano no Palácio do Planalto, após ter garantido aos repórteres, na frente do Presidente, que "Sarney nunca foi grileiro".

A sinceridade de Caetano surpreendeu o próprio Sarney que, meio sem jeito, antecipou o término da sessão de fotografias para ficar à sós com o amigo no gabinete. Logo depois, no Comitê de Imprensa do Palácio, Caetano voltou a ser pródigo em elogios a Sarney, em expressões engraçadas e na crítica à reforma agrária.

— Quem quiser ter terra que compre — disse ele, antecipando um dos temas da conversa que teria com o Presidente pouco depois no Palácio do Jaburu.

Inspiração para um personagem que chegou a ser cogitado pelo humorista Chico Anísio, Caetano, caminhoneiro aposentado, dono de "uma terrinha" em Porto Franco (MA), desembarcou no Aeroporto de Brasília às 11h e esbanjou desembaraço e alegria pelos corredores do Palácio do Planalto. A satisfação de dar um abraço no amigo, cuja carreira acompanha há 40 anos, só foi ofuscada por um detalhe:

— A posição em que o Sarney está era o

meu sonho, apesar de a oportunidade não ter sido muito do meu agrado, porque morreu aquele grande homem, Tancredo Neves — explicou.

Tristeza afastada, Caetano retomou seu assunto predileto: Sarney, o homem que tem "como filho, irmão e mentor", o político que "nunca errou", o maranhense que "chegou ao último degrau da política", o estudante inteligente, em cujo semblante vislumbrou "um grande homem no futuro" e o fiel depositário de uma mala de pedidos.

— Estou com uns pedidos sim. É gente pedindo uma casinha, uma besteira, um emprego, essa coisa toda. Minha neta está se formando. Vou exigir alguma coisa dele. E pedir. Se não der, nada feito. Continua tudo como antes. Continua nossa amizade da mesma maneira — afirmou.

Sarney acabou almoçando com o ex-Senador Paulo Brossard, mas Caetano também almoçou no Jaburu, com Dona Marly e o resto da família. Posou com os Sarney para os fotógrafos, elogiou a comida do palácio, pediu um carro para deixar alguns pedidos nas mesas dos Ministros Aureliano Chaves (Minas e Energia) e Marco Maciel (Educação), ambos do PFL, e acertou o programa para o fim de semana: um passeio ao sítio do Presidente, em São José do Pericumã (GO).

No Planalto, entre um e outro elogio ao Presidente, Caetano disse que Sarney continua "o mesmo de sempre", mas no Jaburu, ao deparar com os compromissos da agenda presidencial e com o protocolo que lhe roubava o convívio com o amigo, não resistiu e disse:

— Moreno, você está enrolado que só repolho.

ERNESTO RODRIGUES

A verve, em quatro histórias

I — Na pista recém-inaugurada do aeroporto de Estreito (MA) desce o avião que conduz Juscelino para inaugurar a ponte sobre o rio Tocantins, ligando Maranhão a Goiás, na rodovia Belém — Brasília.

Caetano sai afastando a multidão, abraça JK, a quem jamais havia visto, e dá o seu recado: "Olha Moreno, eu estou emocionado. Nessa mata onde a grande só ouvia o ronco de onça, eu nunca pensei escutar a zoadá de um caminhão, quanto mais a de um avião. Moreno, você é um jumento. Compreenda bem e não me interprete mal quando eu digo que você é um jumento. Não lhe comparando mal não senhor, é para dizer que você é um Presidente trabalhador, um Presidente jumento". JK gostou tanto que ofereceu a Caetano o seu chapéu usado na ocasião e que até hoje é visto em lugar de honra em sua casa.

II — Dia da posse de Pedro Neiva de Santana no Governo do Maranhão, Caetano resolve ir abraçá-lo. Dois policiais postados à porta do gabinete cruzam os fuzis para impedir sua passagem. Caetano pega um fuzil em cada mão, afasta-os e se dirige aos soldados, abrindo a passagem:

— Morenos, vocês querem perder o emprego? Olhem que sou compradre aí do homem e vou dizer a ele essa desconsideração.

III — Pedro Neiva vai passar o Governo ao sucessor e manda um convite para que Caetano compareça à solenidade de transmissão do cargo. Em resposta, recebeu o seguinte telegrama:

"Compadre vg pode chamar outro puxa-saco no meu lugar pt Fui à sua posse mas não vou à saída porque eu não sou homem de descer, escadas pt Só sei subir pt"

IV — Sobre seus ligações com Sarney, Caetano explica: "Eu sempre fui amigo desse Moreno e na hora em que ele brigou lá em cima com o Figueiredo aqui embaixo eu já estava do lado dele. Esse Figueiredo é gente boa, mas andou fazendo umas besteiras e mesmo assim eu sou amigo é do Sarney e não dele. E nesta hora de São Paulo de um lado e o Maranhão do outro eu fico mesmo é com os meus curráleiros de cá. Fico com Sarney ou para perder ou para ganhar".

País saberá tudo sobre a crise

Brasília — Uma radiografia da crise brasileira. É o que pretende fazer o Presidente José Sarney, aceitando sugestão do vice-líder do PMDB na Câmara, Jorge Ueque (RS), já na entrevista que concederá segunda-feira pela manhã.

Iequed esteve no Palácio do Planalto, quando fez ver ao Presidente que se esta

radiografia não for apresentada à Nação "todo o ônus da má administração" poderá recair sobre seu Governo. Como as seis comissões nomeadas no início da atual Administração concluem amanhã os trabalhos de levantamento da situação brasileira, Sarney vai utilizar estes dados para mostrar "a situação de caos que herdou".